

NOVO MILÊNIO: APROXIMAÇÃO BÍBLICA

INTRODUÇÃO

As reflexões contemporâneas no campo da teologia proporcionam a oportunidade de *saborear* a aproximação de novos paradigmas a partir das ciências, da ética, da psicologia, da teologia. Aqui dedicar-nos-emos à *ciência bíblica*, que não é uma ciência *tão* moderna, mas sim uma *literatura mais antiga* de nosso objeto de estudo enquanto estudantes de teologia. Tentaremos refletir qual a função ela exerce nos nossos dias caminhando rumo ao 3º milênio. O mais bonito e interessante é que esta ciência bíblica continua a provocar e estimular homens e mulheres no mundo da pesquisa acadêmica e nas comunidades e ao mesmo tempo é uma mística que gera efeito libertador que se apreende desde o livro do Gênesis ao Apocalipse.

A Bíblia é a grande interlocutora dentro das *coisas novas* que emergem na sociedade vigente e por isso mesmo exige de nós *novas sensibilidades* e posturas decisivas em como tratar desta realidade humana que hoje está vilipendiada. Somos convocados(as) a fazer uma leitura que faça acontecer algo novo e não permanecer presos(as) apenas ao cientificismo do método histórico crítico. É preciso apostar que existem outras formas de se chegar ao texto. Esta nova leitura passa ao meu ver por uma abertura de uma leitura eclesial e não eclesiástica. E, duas vertentes podem servir de paradigmas para nossa reflexão. Uma leitura holística sintonizada com a planetariedade que é ao mesmo tempo bela e dolorosa trazendo presente o grande contingente dos pobres que cada vez mais perdem sua dignidade e ainda por uma leitura de relação de gênero que hoje precisamos gastar mais energias para superar o machismo que ainda fere a relação de reciprocidade e de igualdade. O que importa é nos perguntarmos como é possível conversar estas coisas com o mundo da Bíblia e vice-versa.

1. HERMENEUTAS DO 3º MILÊNIO

1.1. Um florescimento do mundo bíblico nas últimas décadas.

Nestas últimas décadas houve um grande florescimento do mundo bíblico. A partir do Concílio Vaticano II com o documento *Dei Verbum*, houve um desencadeamento grande e oportuno, útil e necessário para devolver a Sagrada Escritura nas mãos do povo de Deus. O que outrora era reservado ao universo clerical, aos poucos se descentraliza para os fiéis leigos. Hoje constatamos tal experiência da revelação de Deus interpretada desde João Paulo II à todos agentes de pastorais. Constatamos já um crescimento da interpretação bíblica ecumênica¹ em conjunto com a finalidade de intervir no interior da história na dinâmica antropológica, social, política, religiosa, cultural da realidade vigente.

1 Cf. M. A. GHISLENI, *Encontro ecumênico de mulheres*. Em *VIDA PASTORAL* 38(1997), 195, p. 31-33.

Vale lembrar alguns exegetas que muito contribuíram e ainda contribuem para que a palavra de Deus seja fermento na sociedade: Elisabeth Cady Stanton, Hugo Assmann, Gilberto Gorgulho, Gustavo Gutierrez, Pablo Richard, Ana Flora Anderson, Milton Schwantes, Carlos Mesters, Ivone Gebara, Severino Croatto, Elizabeth S. Fiorenza, Leonardo Boff, Ana Maria Tepedino, Jon Sobrino, Wanda Deifelt e muitos outros que bem conhecemos. São teólogos(as) com pés no chão da América Latina. Cada um (a) oferece uma proposta de leitura — *uma hermenêutica*² — que olhe o texto e o mesmo, ilumine o caminho do(da) itinerante que quer ser sempre mais discípulo(a) do movimento de Jesus.

2 Cf. Alberto ANTONIAZZI, *A palavra de Deus na vida do povo*. São Paulo, Paulinas, p. 28.

A hermenêutica é a arte de interpretar o texto. É o (a) intérprete que dá vida ao mesmo, buscando sempre coisas novas porque a *Sagrada Escritura é viva e eficaz... para educar na justiça...*³ A Sagrada Escritura que habitualmente está em nossas mãos, é uma literatura proveniente de uma cultura judaica, e toda ela é a revelação do amor de Deus no interior da história de Israel. Muitos homens e mulheres co-participaram deste evento transformador, porque este povo fez memória histórica dos acontecimentos e leram a mão de Iahweh acompanhando a vida deste povo. Diante disso perguntemo-nos: Quem será e como será o hermeneuta do 3º milênio?

3 Cf. 2Tim 3, 16-17.

1.2. O conceito *hermenêutica*: interpretação de quê e para quê?

Em primeiro lugar, é bom esclarecer o que entendemos por este conceito *hermenêutica*. O termo se traduz como *interpretação do significado das palavras*. Vem da palavra grega *hermeneuo* e tenciona interpretar os textos da literatura bíblica das comunidades primitivas e se faz a partir de uma prática da fé na expe-

riência pós-pascal do evento Jesus. Hermenêutica é sinônimo do termo interpretação; é o equivalente ao ato de interpretar. De fato, o lugar privilegiado da operação hermenêutica é a interpretação do texto; desvelar ou então decodificar o que está dentro do texto. Requer perguntar e pesquisar a intenção do autor ao escrever desta forma: qual foi o código adotado? Como era o contexto da época que influenciou utilizar tal código específico de leitura... Quem eram seus destinatários? Qual era a ideologia cimentada que impedia o poder de viver e alimentar suas utopias?

O ato hermenêutico faz crescer o texto que se quer interpretar. Neste sentido, podemos dizer que a hermenêutica é a arte da compreensão do texto. Como também, é a busca de entender, aprofundar, explorar e esmiuçar a perícopes estudada e, ao mesmo tempo, identificando-se com o texto. Logo, o exercício da hermenêutica é possibilitar enxergar mais adiante não permitindo ao estudante e ao leitor da Sagrada Escritura permanecerem na periferia do texto, mas mergulhar profundamente na perícopes analisada e perceber o conjunto das relações sociais do texto.

É ainda um instrumento de análise da Sagrada Escritura que possibilita interpretar as várias influências que o texto sofreu quando foi tecido e como também as comunidades experimentaram em sua caminhada de fé no Projeto de Jesus; possibilitando-nos ainda reler o texto nos dias de hoje. Dois elementos podem ser evidenciados: a) a tomada de consciência da atualidade da Palavra de Deus que tem uma mensagem para oferecer para a realidade vigente, onde predominam situações de desamor, de sofrimento ético, físico, desfiguração e deterioração do ser humano; b) é necessária uma tomada de consciência da distância entre a cultura de hoje – o contexto em que nós vivemos bombardeados pelo fenômeno da globalização mundial e da cultura da comunicação e da desumanização – e o ambiente cultural em que a Bíblia foi escrita – os conceitos, a ética e comportamento do mundo antigo, médio-oriental e o greco-romano.

É tarefa da hermenêutica dar vida e significado ao texto e devolver-lhe a vida na medida em que o avanço tecnológico e arqueológico nos surpreendem com tantas descobertas e desafios. Ela nos permite pois uma concepção não-tradicional da tradição cristã. É ainda sua função ser crítica e profética, ou seja, levar a sério a historicidade da verdade e permitir que as pessoas, enquanto sujeitos *interpretantes*, atualizem para hoje o sentido da mensagem cristã.

A hermenêutica enquanto instrumento de análise necessita ser explicitada e organizada à luz da realidade de um povo, e, é o povo – aqui agentes de pastoral e os que frequentam a liturgia dominical – com quem temos contacto nas comunidades, que tem fome da palavra bem traduzida e bem interpretada,

porque às vezes este povo faminto da Palavra de Deus entra e sai de nossas celebrações dominicais mais esfomeado ainda da Palavra, porque ainda não nos capacitamos para fazer o texto falar à vida da comunidade. Ou seja, dizemos tantas coisas a partir das leituras proclamadas e não traduzimos o que a comunidade precisa ouvir... Somos chamados(as) a descobrir e a reatualizar os recursos próprios, utilizando os recursos do método histórico-crítico e das abordagens para a interpretação e por isso, exige da parte daquele(a) leitor(a) ou estudante, que faça uma leitura dinâmica, sistematizada, estruturada, organizada e atualizada, e no seu desenvolvimento, na práxis pastoral e na vida pessoal seja entendido por todos como um referencial que permite penetrar no projeto de Deus.

Em outras palavras, podemos dizer que a função social da hermenêutica é atualizar o texto para ilustrar o seu sentido. Compete ao hermeneuta buscar o significado da memória histórica das comunidades primitivas que vivenciaram suas tensões e esperanças diversas a nível eclesial, social, político, econômico, antropológico, androcêntrico e religioso dentro de um micro e macrosistema.

O processo hermenêutico se dá na interpretação dos textos, onde através de uma leitura minuciosa, a Palavra de Deus será transformada em mensagem, porque é sempre Boa Notícia. Vale lembrar que a interpretação dos textos néo-testamentários não é *uma matemática em que esse e mais aquele dá isso*, porque estamos tratando de um texto que foi vivido intensamente por um determinado grupo num determinado espaço e, por isso, é uma mensagem que não se esgota. É uma mensagem criativa e provocativa do chão de cada comunidade. Há um empenho de mulheres e homens, que auxiliados(as) pela lógica das ciências e pela luz do Espírito de Deus nos impulsiona a descobrir e redescobrir a mensagem revelada que o autor quis transmitir. Compete à hermenêutica a tentativa de interpretar os textos e suas tradições e descobrir o significado das palavras. Dizemos também que é decodificar os sinais gráficos do autor e das palavras utilizadas pelo mesmo e trazê-los para o contexto de hoje, atualizando-a sobre o que ele quis dizer e revelar na narrativa.

1.3. Hermeneutas: Intérpretes da palavra que recriam a lógica de Deus.

O desafio do hermeneuta é fazer uma análise crítica analítica e sempre mais aprimorar alguns dos diversos métodos de interpretação. Diante da leitura que hoje adotamos, esta interferirá na hermenêutica e sem dúvida na práxis pastoral do ano 2000, que está aí muito próximo de nós.

Como lemos a Sagrada Escritura hoje? Utilizamos que métodos de leituras? Quais deles nós, agentes de pastoral, sacerdotes, seminaristas, ministros da palavra, adotamos para melhor servir ao povo das comunidades? Que treino estamos fazendo para melhor conhecermos o texto e eventualmente, melhor dialogarmos com o povo das comunidades?

4 PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo, Paulinas, 1994, p. 66-86.

O documento da Pontifícia Comissão Bíblica⁴ oferece vários métodos de leitura e de abordagens para uma leitura midráshica, feminista, da libertação, sociológica, fazendo referência ao método histórico-crítico proporcionando ao estudante de teologia explorar tal instrumento e fazer experiência que salvaguarde a cientificidade do texto analisado para não cair em abusos de leituras que instrumentalizem o texto.

5 Encíclica *PACEM IN TERRIS*, São Paulo, FTD, 1963, p. 19: João XXIII, Papa, faz referência a três fenômenos que caracterizam a época atual: ascensão progressiva das classes obreiras na esfera econômica e social, a participação da mulher na vida pública, a comunidade humana evoluiu para uma configuração social e política.

6 Cf. Cláudio CASTRO, *Ostentação é burrice*. Em *VEJA* 31 (1998) 15.07, p.17

Utilizar de algum método é uma porta de *entrada*. É sempre um meio, uma via, e não é um fim. Cabe ao hermenêuta estar sintonizado com a realidade vigente, ou seja, lá onde seus pés estão situados. Porque interpretar a palavra de Deus significa intervir no interior da história. O(a) verdadeiro(a) hermenêuta está atento aos sinais dos *tempos*⁵ e por isso mesmo prioriza as minorias da sociedade e se propõe cada vez mais olhar a realidade e se comprometer com ela buscando, à luz da palavra, alternativas de vida melhor que resgate a dignidade humana em todos os níveis. Não dá mais para conviver com uma realidade destrutiva onde *os nossos ricos insultam os pobres com seu exibicionismo e as estatísticas mostram que sua distância dos pobres é gigantesca*.⁶

Urge uma disciplina de leitura no que tange o ensaio ou exercício de uma hermenêutica. Requer do leitor(a) que se dirige ao texto alguns passos metodológicos que proporcionem uma aproximação com a cultura judaica ou mesmo greco-romana. Antes de mais nada, supõe que o (a) intérprete já tenha buscado algumas informações mínimas sobre o contexto das comunidades primitivas. *Quem estiver consciente dos pressupostos mentais e dos diversos fatores que influenciaram o evangelista, assim como das causas e razões de seu comportamento, notará que os evangelhos são produto de uma relação dialogal entre determinada realidade e a mentalidade vigente; que os comportamentos que refletem e mesmo seus discursos são respostas a situações e condicionamentos concretos. Significa, para os evangelistas, que seus escritos foram produto desse diálogo entre esta realidade em que estavam imersos ou que conheciam bem — que amiúde foi a causa ou razão pela qual escreveram, por exemplo, no que diz respeito ao uso e abuso das riquezas numa comunidade integrada por pobres e ricos — e sua fé cristã. A realidade mundana que viviam influenciou sua compreensão e apreciação do acontecimento Jesus Cristo, do conceito de salvação etc. Ao mesmo tempo, seu compromisso com Cristo e sua missão influenciaram sobre sua compreensão e apreciação do mundo em que viviam*.⁷

7 Cf. Eduardo ARENS, *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João: Aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento*. São Paulo, Paulus, 1998, p. 17.

Mediante este pressuposto básico, é necessário criar uma certa intimidade com o texto a ser analisado. Dizemos que é preciso *namorar* a perícopa a ser estudada. Ou seja, ler várias vezes o texto observando a dinamicidade do mesmo, destacando os verbos entrelaçados, as palavras fortes, a lógica do texto...

Em seguida podemos iniciar uma análise estrutural que se interessa pelo *funcionamento* do sentido do texto, *para tanto desmonta o texto e enquadra elementos em fórmulas para poder examinar melhor suas relações*.⁸

Dá-se prosseguimento à *crítica literária* que objetiva descobrir as etapas da formação de um texto. Por exemplo, determinar o que foi escrito pelo próprio evangelista e o que ele recebeu de seus predecessores. Propõe uma hipótese em relação à origem e à composição de determinada unidade literária. Uma outra etapa é dedicada à *crítica textual* que procura averiguar alguns elementos internos e externos do texto, suas *variantes* e adições, como também analisa o texto que é o mais curto e mais difícil por ser tido como o mais primitivo. A crítica textual é o método exegético que tem por objeto fixar com a maior exatidão possível, o texto original dos escritos bíblicos e, em nosso caso, dos Evangelhos. Assim vamos redescobrir como foram *transmitidos os evangelhos e ... percebemos [que] a crítica histórica que descobriu e precisou que o trabalho dos evangelistas não se limitou em compilar textos anteriores, em transmitir redações, mas apresentá-los como obras teológicas de conjunto, com mensagens determinadas e com orientações precisas para os destinatários*.⁹

É assim, que vamos degustando tal texto!

Prosseguimos investigando os gêneros literários utilizados pelo autor. Convém lembrar que a *literatura é sempre uma espécie de alguma coisa. As obras pertencem a gêneros e categorias gerais. É muito fácil indicar os gêneros dos materiais usados nos evangelhos, porque eles mantêm, no interior dos evangelhos, as formas distintivas que representam. São eles: sentenças e relatos de sentença, relatos de apotegma, citações proféticas do Antigo Testamento, narrativas da paixão, relatos de milagres, parábolas, eventos da vida pública de Jesus*.¹⁰ Cada perícopa apresenta um *gênero literário diferente*. Logo mais, se pode iniciar um ensaio de exegese analisando cada versículo para ver a sintonia com o mundo da Bíblia e ao mesmo tempo o que outros exegetas já se pronunciaram diante de tal texto.

Estes passos metodológicos significam que estamos buscando sintonização com o autor e o contexto, por isso afirmamos a necessidade de *debruçar sobre o texto* para fazer uma boa hermenêutica.¹¹

Em seguida utilizar o método da leitura sociológica. A primeira etapa do método é uma descrição da realidade social a partir

8 Cf. E. CHARPENTIER, *Iniciação à análise estrutural*. São Paulo, Paulinas, 1983, p. 50-53.

9 Cf. T. Parra SÁNCHEZ, *Quatro facetas de Jesus*. São Paulo, Paulinas, 1996, p. 22.

10 Cf. John B. GABEL - Charles B. WHEELER, *A Bíblia como Literatura*. São Paulo, Edições Loyola, 1993, p. 172-173.

11 Cf. J. Severino CROATTO, *Hermenêutica Bíblica*. São Paulo/São Leopoldo, Paulinas/Sinodal, 1986, p.9.

dos quatro lados: economia, classes, política e ideologia. A segunda etapa é a fase analítica: é a compreensão da contradição fundamental do conjunto de todo o social: é a percepção do conflito e do feitiço e da alienação na raiz do processo social. Esta segunda fase da leitura sociológica é um discernimento do espírito de Deus: determinação para a morte ou para a vida. Assim, a compreensão do texto como expressão de um conflito social constitui a formalidade da leitura sociológica: sistema de tributo, do trabalho e de sua divisão, o valor de uso e de troca. Em seguida podemos perceber a teologia do texto, ou seja, qual é ação de Deus acentuada no texto, vivenciada pelas comunidades. É uma leitura que aprisiona e ao mesmo tempo liberta o leitor(a).

Portanto, o que determinará o(a) hermenêuta do 3º milênio será a sintonização com a Sagrada Escritura e ao mesmo tempo estar mergulhado e inserido na vida do povo *espezinhado*, que é identificado como massa sobranter¹², ou excluído¹³. Uma tarefa especial, me parece, é procurar o contato direto com os excluídos da sociedade dominante, como também na práxis do povo das comunidades, pastorais e movimentos populares. É preciso fazer uma hermenêutica como ato *político*¹⁴ libertador na pedagogia do Espírito de Deus. Aprendamos com Jesus a exercitar um coração de pastor¹⁵ para erradicar as chagas do mal reduzindo a desigualdade social, que fere e afeta a proposta evangélica. Há muitos(as) que lêem o texto fora da realidade.

2. A OPÇÃO PELOS POBRES

2.1. O (a) hermenêuta é chamado(a) a viver sintonizado(a) com o mundo dos pobres.

Que modelo de Igreja vivemos e queremos? Hoje vivemos uma eclesiologia de movimentos ou de comunidades? Que agente de pastoral quero ser? padre? pastora? Qual é a hermenêutica que fazemos hoje em nossa comunidade acadêmica?

Ao interpretar a palavra de Deus, o(a) intérprete deve conhecer o seu público que provavelmente está faminto de esperança, de uma palavra que liberte. Este povo é amante da vida e está impedido de sonhar, de alimentar suas utopias, de viver sua identidade com dignidade. Por isso mesmo que hoje e amanhã, ele(a) interprete da Palavra deve acreditar e apostar que a *releitura bíblica também nos permitirá explicitar, explicar e interpretar o compromisso da Igreja com a defesa da vida no contexto de um sistema pervertido pela idolatria e pela exclusão das maiorias*,¹⁶ porque o processo em si da interpretação ainda não é dos pobres. É de pessoa estudada e distante do mundo dos pobres.

12 DOCUMENTOS DA CNBB, 45, *Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil*, p.74.

13 A FRATERNIDADE E OS EXCLUÍDOS – CAMPANHA DA FRATERNIDADE 1995 – CNBB, *Eras Tu Senhor?*, p.51-78.

14 Elisabeth FIORENZA, *As origens cristãs a partir da mulher*. São Paulo, Paulinas, 1992, p.30.

15 Cf. Jo 10,10: *Eu vim para que todos tenham vida e vida abundante*.

16 Cf. Pablo RICHARD, *Crítica Teológica à globalização neoliberal*. Em *Globalizar a esperança*, São Paulo, Paulinas, 1998, p.41.

O grande desafio hoje é falar ao coração da comunidade. O povo muitas vezes entra esfomeado em nossas celebrações da palavra e da eucaristia e deixa a comunidade ainda mais faminto porque pecamos em não traduzir o texto. Como inserir hoje a palavra do mundo dos pobres que são os prediletos do Pai? Segundo as projeções de analistas especializados, *se as condições não mudarem fundamentalmente, no ano 2005 haverá na América Latina 176 milhões de novos pobres. Lembremos que hoje na América Latina, vivem na pobreza cerca de 300 milhões de pessoas e o Brasil contribui com 100 milhões.*¹⁷

Convém ter presente ainda em nossos estudos de Bíblia que não dá para dissociar a fé de uma realidade. Urge trazer presente o chão que vivemos e lembrar que o Brasil, como grande continente que é, *tem hoje pelo menos 25 milhões de miseráveis — o equivalente a três Suécias ou a população total do Peru. Este é o número de brasileiros, com 16 anos ou mais, que vivem no patamar mais baixo da pirâmide social. O miserável típico tem uma renda mensal de R\$ 131. Um brasileiro médio da elite, que integra os 7% que estão no topo da pirâmide, ganha 12 vezes mais do que isso, em média. A situação financeira dos miseráveis é ainda mais dramática. Com R\$ 131, eles têm de sustentar todas as crianças da família.*¹⁸ Em que o hermenêuta é chamado à contribuir? Por que sua leitura não modifica as estruturas do sistema? O que acontece com nossos agentes de pastorais?

A Sagrada Escritura está impregnada da terminologia pobre: No hebraico por exemplo: *dál, anavim, rêevimm achuquim* — pobres, encurvados, famintos, oprimidos¹⁹. No grego: *pitorroi e endeés* — pobres e necessitado²⁰. Desde a literatura da Torah, até a literatura deuteronômista, sapiencial, macabaica, profética, néotestamentária, encontramos o clamor dos pobres que bradam pela defesa da vida.

2.2. A opção pelos pobres é o paradigma da interpretação bíblica.

Se há vinte anos atrás o pobre foi contemplado como o sujeito interlocutor da Bíblia, ainda hoje ele é o sujeito histórico. A comunidade eclesial está acima de qualquer conjuntura, então como dizer que a opção pelos pobres é do passado?

Antes, podemos dizer que o povo experienciou uma forma diferente de ser Igreja, vivendo num regime de ditadura militar e ao mesmo tempo proporcionou a irrupção da teologia da libertação que marcou uma teologia profundamente marcada com as dores dos pobres. É preciso retomar a opção pelos pobres de um outro ângulo tendo presente que a conjuntura atual é marcada pelo neoliberalismo e néopentecostalismo e, também aí precisamos fazer o pobre ter o seu valor. *A situação re-*

17 Cf. Frei Betto, *Os novos pobres*. Em FOLHA DE SÃO PAULO, 19.07.98, p. 3.

18 Cf. *Brasil mapa da exclusão*. Em FOLHA DE SÃO PAULO, 26.09.98, Especial A p. 1.

19 Cf. O profeta Jeremias.

20 Cf. At 4, 34.

21 Cf. Sinodo dos bispos. *Instrumentum Laboris: Encontro com Jesus Cristo Vivo, caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América*. São Paulo, Paulinas, 1997, p. 65-67.

22 Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Evangelium vitae*, 1995, p. 12.

23 Cf. Maria Clara Luchetti, BINGEMER, *Teología y pastoral para américa latina*. Bogotá, Itepal, 1997, vol 23, nº 90 p. 245-264.

24 Cf. *El tercer milênio*: Informe CELAM 2000 como desafio pastoral — informe provisional, Bogotá, 1997, p. 30-71.

*lativa aos novos movimentos religiosos e às seitas é muito complexa e se apresenta com acentuadas variantes segundo os diversos contextos culturais. Fala-se também da existência de um plano coordenado, por parte das seitas, para alterar a identidade religiosa da América Latina.*²¹

Diante disso é preciso acelerar a promoção de uma cultura da vida diante do crescimento de uma cultura anti-solidária, que em muitos casos se configura como verdadeira cultura da morte.²² E, ainda precisamos nos perguntar mediante uma América Latina que se demonstra cada vez mais invadida por um sem-fim de propostas religiosas novas, seitas e sincretismos, está mais que nunca desafiada a redescobrir seu lugar e seu caminho, a olhar o humano e muito concretamente o crístico como via necessária para o divino.²³

Não podemos ignorar ainda, o fenômeno *New Age* que avança cada vez mais. Esta nova religião, nova espiritualidade ou novo paradigma sem Deus atrai indiscriminadamente muitas pessoas, por sua convocação holística que pretende dar satisfação à dimensão religiosa da pessoa à margem das religiões estabelecidas. Por isso se apresenta como uma religião planetária com a pretensão de dar uma resposta de maneira integral aos diversos enigmas humanos: vida, dor, convivência, morte e vida futura.²⁴

O Papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, lamentou que o drama de nossa época seja a ruptura entre o Evangelho e a cultura (nº 20). Na medida em que vamos desmascarando os pressupostos culturais que contradizem o Evangelho, podemos trabalhar no sentido de retomar a ligação entre cultura e Evangelho — trata-se de um imenso campo de evangelização. Isto implica ser fiel à lógica da encarnação e inculturação no mundo dos pobres, e ao mesmo tempo empenho de uma essencial tarefa de contribuir para que o subsolo da cultura permaneça permeável aos valores evangélicos da fraternidade e igualdade, justiça e paz.

2.3. Os (as) intérpretes da palavra levam em consideração a relação de gênero

As relações de gênero são um dos principais componentes da formação da nossa identidade pessoal. Elas mexem com muitas coisas de nossa vida, desde o nome que temos — pois se chamar Ana Maria é diferente de se chamar Luís — passando por nossos afetos e sentimentos, chegando na sexualidade. Tudo o que acontece conosco lá dentro da gente, o que somos e pensamos, sentimos, amamos, odiamos, desejamos é chamado de subjetividade. É a nossa subjetividade que nos faz ser diferentes de todo o mundo, mesmo que a vida da gente tenha coisas em comum.

As normas, valores, símbolos, o funcionamento das instituições, tudo isso também constrói a subjetividade. Cria nossos desejos, medos, sonhos e esperanças. A subjetividade de homens e mulheres é também construída. É assim que a sociedade constrói, mantém ou modifica as relações de gênero. A partir de cada norma ou lei, das instituições, dos símbolos, da maneira de falar e da subjetividade de cada homem e de cada mulher.

E o que isso tem a ver com o mundo da Bíblia? É nesta reconstrução da vida humana que vamos redescobrimo novas relações e modos de penetrar no texto com uma outra perspectiva de leitura. Muitas vezes a mulher foi, e ainda é, descartada do texto. Ela para muitos(as), ainda não se tornou protagonista de uma caminhada histórica. A mulher teve seu papel fundamental no seio do povo da Bíblia como tem nos dias de hoje. As mulheres são as pilstras das comunidades, sustentadas pela experiência profunda de fé e inseridas nas lutas do cotidiano, elas se dão a uma reflexão e uma ação politizada que interfere nas relações sociais, eclesiais. Quanto mais se coloca a palavra nas mãos destas mulheres das comunidades, mais vida nova emerge no seio da história, porque se sentem iluminadas com a mesma coragem e força daquelas que as precederam. E o contrário podemos assinalar dos homens. São mais temerosos e só permanecem na escuta da palavra.

Depende muito da concepção que vamos construindo de Deus em nossas vidas. O papa João Paulo I foi muito feliz em proclamar que *Deus é Pai, mas também Mãe*. Tal pronunciamento abalou a teologia de muitos(as), mas abriu uma nova corrente de reflexão no seio da Igreja, sobretudo para as mulheres teólogas elaborarem sistematicamente esta experiência a partir da práxis pastoral. Isso é tão verdade que, se ainda hoje vemos Deus apenas como Pai, torna-se impossível ter igualdade na sociedade. A radicalidade em nossas ações e reflexões nos força a ver o que está errado. Cada vez mais me convenço de que uma hermenêutica na perspectiva de uma *leitura feminista* nos garante que homens e mulheres sejamos iguais, e assim, vamos qualificando nossa presença na vida eclesial e na sociedade e acabando com certas expressões infantis de que *isso é coisa de mulher* e por isso a reflexão na perspectiva feminina *se torna periférica*. É preciso acabar com esses erros primários e acreditar que somos e podemos fazer uma releitura na perspectiva de gênero. Partindo do princípio de que *ninguém é mais que ninguém* é algo ainda dissociado da prática vigente.

Urge impor uma reflexão sistematizada sobre esta questão e adquirirmos maiores espaços para fazer valer nosso pensamento no seio desta história. Não dá para dizer que o homem ou a mulher sabe mais. É questão de brigar pela causa e defendê-la. A questão não é de sobrevivência nos altares, mas garan-

tir a emancipação e trabalhar corpo a corpo. Vale recordar que o androcentrismo sistêmico da cultura ocidental é evidente, no fato de que ninguém questiona, se varões foram sujeitos históricos e agentes de revelação na Igreja. O papel histórico das mulheres, e não o dos varões, é problemático porque a masculinidade é a norma, ao passo que a feminilidade constitui desvio à norma. Encontramos algumas formas novas e edificantes de interpretar a Palavra. É preciso suspeitar, ou seja, não aceitar passivamente o texto escrito. É preciso levantar *uma suspeita hermenêutica aplicado às interpretações contemporâneas da Bíblia. Em seguida proclamar a descoberta, desenvolvendo uma hermenêutica da proclamação — do que deve ser — em vez de uma hermenêutica da faticidade histórica — do que é — porque o texto bíblico é poder de salvação. Ainda redescobrir o mesmo a partir da reconstrução histórica das mulheres.*²⁵ É assim que vamos entendendo o movimento de Jesus e a participação das mulheres neste meio. São discípulas do começo ao fim.

25 Cf. Ana M. TEPEDINO, *As discípulas de Jesus*. Petrópolis, Vozes, 1990, p. 16.

3. RUMO AO 3º MILÊNIO

Compete a cada um(a) de nós leitores(as) ter presente as múltiplas formas de leitura do mundo bíblico e mundo de hoje. É preciso estarmos atentos(as) àquelas que os meios de comunicação social nos oferecem sem pedir licença. Exemplo disso são as redes Globo e Record de televisão, os canais a cabo... que seduzem e induzem homens e mulheres a se envolverem com o belo, o prazeroso e o mais fácil, enquanto que o mundo ao nosso redor passa por despercebido e na curva da miserabilidade cada vez mais notável. Nosso mundo está cada vez mais secularizado e dominado pela tecnologia e seus valores. A tecnologia parece ser a nova teologia de nossos tempos e dialogamos pouco com ela que aí está toda senhora de si.

Nossa sensibilidade ao mundo dos frágeis está ainda a desejar. O desafio para nós hermeneutas da Palavra de Deus é recriar e reconstruir o sonho de Deus no mundo de hoje e recuperar uma leitura que devolva a vida com urgência porque ainda *ferida ela está*. O nosso olhar como todo o nosso corpo deve estar sintonizado com o mundo de Deus que é o mundo da vida dos fracos que se tornaram oprimidos; depois, pobres e massa sobrando e hoje intitulados de excluídos. Eles(as) continuam sendo *os que nada são, não podem, não sabem e nada têm*, e por isso mesmo, o palco dos pobres tem que ser prestado atenção e, especialmente em nossas leituras diárias da Palavra de Deus à nível pessoal, comunitário e pastoral. Eles(as) não podem ser os cacos, os eternos excluídos porque são filhos(as) de Deus e têm que garantir um lugar digno para viver debaixo do céu.

Se esta sensibilidade estiver legitimada e encarnada em nossa vida pessoal e comunitária, pastoral e teológica, estaremos sim, sintonizados(as) com o projeto de Deus e, portanto, capacitados(as) para exercermos nossa tarefa de bons hermeneutas da Sagrada Escritura que exige além de múltiplos métodos de leitura, sensibilidade e faro para captar e penetrar no pensamento do autor e ver o que isso tem a ver conosco hoje. Não podemos permanecer na periferia da leitura do texto, é necessário adentrar, ir além.

Permita Deus que sejamos hermeneutas como a Sulamita²⁶, procurando sempre pelo seu amado sem perder o rumo da história e ao mesmo tempo recriar a dinâmica de uma nova vida, porque *sem profecia o povo se arruína*.²⁷

26 Cf. Cântico dos cânticos 7, 1.

27 Cf. Pr 11, 14.

Sônia de Fátima Batagin
Professora da Escola Dominicana de Teologia — SP